



**COLÉGIO INTERNACIONAL
SIGNORELLI**



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

NOME DO ALUNO: ANGÉLICA TINOCO

TURMA: 801

TEMA: 03/12

DIA INTERNACIONAL DO DEFICIENTE

Chamo-me Henrique, tenho 47 anos de idade, e 27 anos de vida. Não entendeu? Explicarei. Há 27 anos atrás... O auge da minha juventude. Ah, como essa época é boa. E se eu soubesse disto, aproveitaria conscientemente. Não como naquela noite, em que quase encontrei com aquela tão temida por todos. Ninguém sabe quando ela vem, nem como ela vem. Rude ou suave, um dia a encontraremos, porém, não teremos a chance de avisar para o próximo, por isto, aproveite enquanto pode. Corra para abraçar quem você ama, quando não puder, sentirá falta disto; experiência própria.

Aquele suor de adrenalina que escorre por corpos de adolescentes..., Eternos adolescentes. Homens e mulheres sem medo, sem limites. Estávamos eu e mais cinco amigos saindo daquela noitada, indo encontrar as mulheres. A diversão ainda estava por começar, era o que pensávamos quando entramos no carro, cada um com a sua latinha de cerveja, por mais que isto não significasse nada, já que naquela bebedeira nenhum de nós distinguíamos o meu do seu.

Que apertado estava aquele carro, e que aperto passaria a minha vida. Eu estava feliz, até demais, efeito do álcool, não nos enganemos. Sem controle dos meus reflexos, do meu corpo, da minha vida. Foi em questões de segundos, meus olhos se fecharam ao ver tantos faróis fortes ao redor daquele carro. Isto foi a última coisa de que me lembro.

Logo ao abrir os olhos naquela cama de hospital. Surgiu-me uma mulher vestida de branco, bem apresentável. Que por mais fora de mim que eu ainda estivesse, era fácil de perceber que era uma enfermeira. Ela abriu a porta e logo entrou a minha família. Com uma cara que parecia ter voltado de um enterro. E era isto que eu ia saber, logo quando meu pai começou:

- Henrique, meu filho. Que vergonha de você, não lhe ensinei metade das coisas das quais você fez ontem a noite. Mas eu sou grato por você ter sido o único sobrevivente do acidente de carro em meio a um cruzamento perigoso, sob o estado de dependência alcoólica.

- Único?! –Me veio à mente.

- Acabamos de voltar do enterro de seus amigos daquela noite. Bruno, Wallace, Eric, Gustavo e o Matheus, infelizmente não resistiram ao impacto. Precisávamos lhe

contar isto, não para que sofra, mas para que veja como tem que agradecer por sobreviver.

Senti-me um ser desumano, o que eu mais queria naquele momento era fugir dali, se não fosse algo que me impedisse.

Paraplegia; foi isto que aquela minha noite me custou. Mais um motivo para eu querer acabar com a minha vida, depois de não saber mais se ela ainda existiria.

- Me deixe só. – Sussurrei com a pouca voz que me restava.

O que eu havia feito? Por que não pensei antes? Agora era tarde demais. Tudo acabou. Não mais sairei, diversão em uma cadeira de rodas era totalmente impossível na minha mente. E de quem fora a culpa? Era o que mais me doía. O fato de eu saber que quando saísse daquele hospital, (se saísse) nada mais seria igual. Eu seria olhado de lado, como se não fosse normal.

Pelo menos da minha voz ainda restava o suficiente, para me debater naquela cama de hospital, apenas com os braços, colocando no chão tudo ao meu alcance, fazendo um estardalhaço. Até que me chega àquela mulher novamente, surpresa.

Enquanto ela se aproximava, eu me acalmava, ela era serena, e mesmo com seus cabelos negros por debaixo de uma toca, era notável a sua beleza.

- O que está havendo meu rapaz?

Respondi apenas com meus sussurros de choro.

- Pare de chorar rapaz, pare e agradeça! Você está vivo! O fato de ser paraplégico não te faz anormal. Faz-te diferente. E isso, todos nós somos. E com o tempo, aprendemos a viver com o outro em uma sociedade. E se você não aprende a conviver com si mesmo, como viverá com os outros? Logo o senhor, meu rapaz. Que nem senhor é, tão jovem, com tanto ainda pra se aproveitar. Chorar é ter pena de si mesmo, e se naquela noite você foi forte o suficiente para dirigir bêbado, hoje, seja forte o suficiente para agüentar as conseqüências. Nem agüentar, mas sim superá-las.

E cada palavra que aquela jovem me dizia entrava suavemente em meus ouvidos, e atravessava no meu corpo, como forma de segurança, até meu coração. Aquelas palavras eram diferentes, não como a de todos, que sentiam pena. Mas a dela, me davam forças, eu me encantei, tão nova e tão independente, tudo que eu sempre quis.

Isso tudo foi antes dela sair às pressas, atendendo ao chamado de emergência. Tão corridamente que até esqueceu sua prancheta com uma caneta em cima da bancada, levantada por ela, ao lado da cama.

Inocentemente peguei, e ao me deparar com uma folha e uma caneta, me deu vontade de expressar ali, tudo que eu estava sentido. O que palavras e gestos não conseguiriam expressar, os desenhos poderiam.

Passei o dia ali, desenhando, pintando, me expressando. Até o dia raiar, e me dar o prazer do 'bom dia' daquela enfermeira que por sinal, ainda não sabia o nome.

- Bom dia, Henrique Nóbrega.

- Para que tanta formalidade? O bom dia já foi ótimo... Enfermeira...?

- Rose. Pode me chamar de Rose. Sua fisioterapia já começa hoje, vai ser todo dia, no início será difícil, mas logo se acostumará e gostará.

O que eram aquelas palavras diante de sua surpreendente beleza? Eu só reparava no movimento de seus lábios suaves, e aquele olhar misterioso.

- Henrique, o que são esses desenhos em minha prancheta, sabe?

- Desculpe-me, foi o que me manteve ocupado ontem.

- Então será isto que manterá você sempre ocupado, são encantadores, não pode parar.

- Conversa de enfermeira para manter pacientes ocupados?

- Não. Conversa de uma nova amiga sua, que se encantou.

E que a mim, encantava ainda mais. Quisera que ela soubesse disto. Foi esta a minha inspiração para aquele dia. E todos os outros uma inspiração diferente, que a gente encontra facilmente... A cada raio de sol, a cada olhar singelo.

Tive licença do hospital para ir para casa, mas continuei indo as sessões de fisioterapia. Era lá que eu encontrava Rose. E admito que esse sentimento aumentava cada vez mais. O que me fazia a convidar quase sempre para jantar comigo. Ela aceitava, e sempre tínhamos um encontro adorável. O que resultou em um namoro. E hoje, com 47 anos, temos 17 de casados.

E o que mais me fascina nesta história toda, é que ela continua singela, sendo meu porto-seguro. Ela nunca me deixara parar de desenhar, e graças a ela, fui a minha primeira exposição, no teatro belas artes, onde todos os meus desenhos lá, eram dedicados a ela.

Esperávamos ansiosos o final daquela noite; para a escolha do melhor artista lá presente.

E chegou a hora tão esperada, primeiro, segundo e terceiro lugar tão cobiçados por muitos artistas ali presentes.

Quando subiu ao palco, o dono do evento, segurando o envelope:

- Terceiro lugar: Henrique Nóbrega. Segundo: Valéria de La Fuente. Primeiríssimo lugar: Oscar Marinho.

E ao som dos aplausos, talvez para mim, ou não, virei-me para o lado e me senti o homem mais feliz do mundo, por não estar sozinho.

E hoje, acabado de chegar do meu ateliê, ao encontrar Rose em nossa casa com aquele barrigão de seis meses, me faz brilhar os olhos ao contar esta história. Que maior do que luta, é a superação. Maior do que as barreiras, só o amor. E ainda poder saber que nada na vida acontece por acaso, e que a sua missão, é colher o que você plantou, explorando o lado positivo. Porque ter problemas é inevitável, mas ser derrotado por eles, é opcional. E a cada dia da minha vida eu cresci, desde a primeira noite no hospital, até o primeiro dia do meu casamento, as noites de premiações, cada desenho que eu me expressava. Sei que ainda tenho muito que aprender, e colocar em prática o plano de ser feliz, todo dia. E não é uma cadeira de rodas que me impedirá disto, pois o que eu aprendi com isso tudo, foi de nunca desistir.

